

Gartenkraut, o emissário ao FMI

BRÁSILIA AGÊNCIA ESTADO

Diante de dezenas de jornalistas e das câmeras de televisão o ex-ministro do Planejamento Aníbal Teixeira acusou o seu secretário-geral, Michal Gartenkraut, de sabotar sistematicamente o orçamento da União, principalmente as dotações destinadas aos programas sociais do governo. Para Gartenkraut — dizia Aníbal — nada importa o social: sua visão é exclusivamente econômica.

Gartenkraut — um polonês naturalizado — foi designado pelo ministro da Fazenda, Matlson da Nóbrega, para chefiar a delegação técnica brasileira que a partir de segunda-feira reatuará as relações com o Fundo Monetário Internacional — FMI — dando a partida para a montagem de um acordo stand by de 12 a 18 meses.

"Ele deu a volta por cima", exclamam, entusiasmados, seus assessores e que com ele vieram trabalhar na Secretaria-Geral da Seplan onde ficaram ilhados durante os nove meses da administração Aníbal Teixeira. O ministro jamais aceitou a imposição de Michal pelo Planalto.

APOIO

Michal, oriundo do Ipea, chegou aos escalões superiores da área econômica pelo braço do professor Luiz Paulo Rosemberg, em junho de 1985, designado assessor econômico do presidente Sarney, com sala privativa no Palácio do Planalto, um andar abaixo do gabinete do presidente.

Quando Rosemberg foi expellido, por exigência do então ministro da Fazenda, Dilson Funaro, Michal permaneceu no Planalto a pedido do genro do presidente, Jorge Murad, impressionado com a sua capacidade de trabalho e principalmente sua posição de independência. Juntamente com Miguel Ethel, que foi companheiro de Murad na diretoria da Caixa Econômica, até sua demissão pelo presidente Figueiredo, Michal realizou vários trabalhos de acompanhamento da performance da economia e alguns papers positions que orientaram a tomada de posi-

ção do governo em relação a vários problemas.

ISOLAMENTO

Com a saída de Sayad da Seplan e a designação de Aníbal Teixeira surgiu a possibilidade do aproveitamento de Michal. Murad defendeu junto a Sarney sua designação para a secretaria-geral, mesmo sabendo que o candidato de Aníbal era o economista Carlos Lessa, do BNDES.

Imposto na Seplan, cedo ele percebeu o isolamento a que foi submetido. Não era recebido para despachos pelo ministro e suas relações com o chefe do gabinete, Lúcio Veríssimo, chegaram ao rompimento. Michal era acusado de deslealdade, com uma acusação específica: ele teria levado ao conhecimento do ministro Dilson Funaro a exposição de motivos, já assinada pelo presidente Sarney, criando a Secretaria de Assuntos Internacionais da Seplan, dando oportunidade a uma reação junto ao Planalto, impedindo a publicação do decreto no Diário Oficial da União. Michal, contudo, jamais respondeu às acusações ou estabeleceu polêmica.

Durante sua permanência na secretaria-geral ele manteve duas conversas longas e francas com o ministro, da última resultando uma espécie de modus vivendi para permitir o andamento da burocracia. Michal, no entanto, foi ostensivamente excluído da elaboração do Plano de Ação Governamental — PAG —, o principal trabalho de Aníbal, e também ficou de fora da revisão orçamentária.



Michal Gartenkraut

19-1-88